



Eixo: Movimentos Sociais e Serviço Social.

Sub-eixo: Serviço Social e Movimentos Sociais: pesquisa teórica e profissional.

VIOÊNCIA INTRAFAMILIAR E SEXUALIDADE: UM ESTUDO COM AS TRAVESTIS PROFISSIONAIS DO SEXO NO CENTRO DE MANAUS

VALÉRIA BARBOSA SOARES¹
SANDRA HELENA DA SILVA²
ELIENE DE FREITAS PASSOS³

Resumo: Este artigo mostra os resultados de uma pesquisa que analisa as consequências da violência intrafamiliar contra as travestis profissionais do sexo, a partir de um estudo desenvolvido na rua 10 de julho, no centro da cidade de Manaus. A pesquisa é de caráter bibliográfica, documental e de campo, onde as análises e reflexões críticas estão apoiadas no método dialético. Assim, o resultado confirmou que a violência intrafamiliar é uma realidade nos lares dessas travestis, o que de forma indireta fez com que elas saíssem de casa ainda quando adolescentes e encontraram na prostituição uma forma de ganhar o seu sustento.

Palavras-chave: violência intrafamiliar; travestis; população LGBTT; prostituição.

Abstract: This article shows the results of a research that analyzes the consequences of intrafamily violence against female sex transvestites, based on a study carried out on July 10 in downtown Manaus. The research is of a bibliographical, documentary and field nature, where critical analyzes and reflections are supported by the dialectical method. Thus, the result confirmed that intrafamily violence is a reality in the homes of these transvestites, which indirectly made them leave home even as adolescents and found in prostitution a way to earn their living.

Keywords: Intrafamily violence; transvestites; LGBTT population; prostitution.

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, o âmbito familiar tem sido responsável pelo grande número de homoafetivos agredidos e expulsos de casa. Uma vez na rua, em decorrência de sua orientação sexual, segundo matéria publicada no site do Sindicato de Metalúrgicos de São Paulo, somente no início do ano 2016, já foram mortos pelo menos 85 gays, lésbicas e travestis.

¹ Estudante de Pós-Graduação. Universidade Federal do Amazonas. E-mail: <valeria.ss_soares@hotmail.com>

² Professor com formação em Serviço Social. Universidade Federal do Amazonas.

³ Profissional de outras áreas. Universidade Estadual do Amazonas.

Nos últimos cinco anos, o índice vem crescendo gradativamente, onde a violência contra a população LGBTTT cresceu em 115%. O preconceito e a intolerância têm criado uma situação que encoraja e legitima a violência contra essa significativa parcela da população.

Nesse sentido, o cenário brasileiro se divide em dois lados: de um lado temos a aceitação de artistas LGBTTT por parte do público, o lado das festas como, por exemplo, a maior parada do orgulho LGBTTT do mundo, que é a parada de São Paulo e do outro lado persiste a situação de preconceito, intolerância e violência contra essa população.

Além da violência no espaço público contra a população LGBTTT, há ainda a violência intrafamiliar, onde as vítimas, entre elas as travestis, são agredidas pelos seus conhecidos como familiares, vizinhos e companheiros.

No ano de 2015, de acordo com os dados do Disk Denúncia - Disk 100 foi recebido 6.809 denúncias contra os LGBTTT, equivalente a 19 denúncias por dia, conforme a Secretaria de Direitos Humanos da Previdência do Brasil.

Logo, o interesse por esse tema se dá em razão dos inúmeros casos já citados de violência contra os LGBTTT, onde a cada 48 horas, uma travesti é violentada em casa ou na rua, segundo a Secretaria de Direitos Humanos da Previdência. E acima de tudo, a possibilidade de se desconstruir tabus, o preconceito e a falta de informação da população, pois a falta de informação causa medo e até ódio daquilo que lhe é desconhecido.

Exposto isto, a pesquisa tem como objetivo geral analisar as consequências da violência intrafamiliar praticada contra as travestis profissionais do sexo e como objetivos específicos: descrever o panorama da violência intrafamiliar contra a população LGBTTT no Brasil; elencar as tipificações da violência intrafamiliar que são praticadas contra as travestis profissionais do sexo na cidade de Manaus e identificar as consequências da violência intrafamiliar praticadas contra as travestis e a forma como as travestis vivenciaram a violência intrafamiliar.

A pesquisa é de caráter dialético de natureza aplicada. Com procedimentos técnicos de pesquisa bibliográfica, documental e de campo, utilizando-se uma abordagem quanti-qualitativa. Onde o universo da pesquisa foi composto por (5) travestis profissionais do sexo, residentes na cidade de

Manaus, ao qual foi aplicado questionário estruturado com perguntas abertas e fechadas.

No Brasil, não há em vigor uma lei que caracterize a discriminação e a violência, isto é, a homofobia como crime praticado contra a população LGBTT, daí a relevância social, jurídica e política de se pesquisar cientificamente tal fenômeno ainda pouco explorado cientificamente, a fim de buscar novas possibilidades de se pensar, debater e construir políticas públicas com relação a este tema. Quando se trata de violência intrafamiliar contra as travestis, a família agressora ou o agressor homofóbico pode ir do Bullying a violência física e a morte fatal desses seres humanos.

Assim, o Estado devido à sua falta de responsabilidade e interesse para com as questões da violência intrafamiliar contra não somente as travestis, bem como a população LGBTT tem sido omissos e acusados de homofobia institucional, pois frente a este fenômeno, não tem garantido a segurança nos espaços públicos e privados, frequentados pela comunidade LGBTT.

2. Violência intrafamiliar contra a população LGBTT no Brasil

Nos últimos dez anos, tem crescido o número de pesquisas em relação à violência praticada contra a população LGBTT. Entretanto, segundo Perucchi (2014), as pesquisas que investigam tal fenômeno ainda são escassas no que diz respeito às experiências de jovens gays, lésbicas e travestis diante da violência.

Ainda de acordo com a autora já citada, uma hipótese já confirmada durante esses dez anos, é que o preconceito contra essas pessoas se inicia no âmbito familiar e conseqüentemente, ocasiona a ruptura do vínculo familiar, bem como a expulsão ou a saída da casa dos pais em circunstâncias dolorosas.

Muitas das vezes as famílias reproduzem o preconceito e a violência intrafamiliar, porque á priori não gostariam de ter filhos homoafetivos. Nesses ambientes, a violência não se reduz apenas à física, fazendo com que a violência simbólica e a psicológica passe despercebida.

Nos lares onde os LGBTTT, principalmente as travestis vivenciam a violência intrafamiliar, são várias as tipificações de violência, sendo as mais comuns, segundo dados do Disk 100, casos de humilhações, ameaças, discriminação, hostilização e agressões físicas.

Tal comportamento de intolerância, preconceito e homofobia contra os LGBTTT, se dá segundo Rubim (1984), em decorrência da hierarquia das sexualidades que baseada na heteronormatividade, confere à heterossexualidade um status de superioridade em relação à homossexualidade, relegando a essa última, um lugar “marginal”.

A heterossexualidade age como um mecanismo de exclusão a qualquer outro tipo de experiência sexual. Dando abertura para a homofobia ser utilizada como um sistema que legitima e tenta justificar a exclusão e dominação entre os sujeitos. (BLUMENFELD, 1992 apud PERUCCHI 2014).

A homofobia se aproxima de outras formas de discriminação como, por exemplo, o racismo, a xenofobia, pois se consiste em ver o outro como desigual, inferior e anormal. Nas palavras de Perucchi (2014), a homofobia praticada contra a população LGBTTT se articula em torno emoções, condutas e dispositivos ideológicos e institucionais, configurando-se como um instrumento que cria e reproduz um sistema de diferenças para justificar a exclusão e a dominação de uns sobre outros.

Logo, percebe-se que a homofobia é uma das práticas discriminatórias que se articulam com outras formas de intolerância ou marcadores sociais, tais como: orientação sexual, etnia, classe, gênero e etc.

Questões como a homofobia e a violência intrafamiliar contra a população LGBTTT são complexas, pois extrapolam o universo doméstico e individual desses sujeitos, não se encerram na sua individualidade e acabam se processando nas relações sociais, segundo Perucchi (2014), “há uma carência de pesquisas sobre homofobia intrafamiliar”, o que demonstra como esse tema vem sendo obscurecido pela intimidade do mundo privado.

Nesse sentido Osório (1996), no diz que a família precisa ser analisada enquanto espaço no qual a violência pode estar sendo legitimada como homofobia, sob a égide do preconceito e isso possibilitara entender a família como instituição por meio do qual os valores, costumes, regras e normas são

transmitidos, o que permite a construção da identidade do ser humano e sentido a sua vida.

Isso porque, a família opera no contexto micro das relações sociais de parentesco e coabitação e por vezes reproduz valores heteronormativos, opressivos e hierárquicos, ou seja, a base da família tradicional brasileira era patriarcal e ainda hoje se pode observar a manifestação destes comportamentos. Dessa forma,

O espaço familiar, que deveria ser acolhedor, inserindo o jovem na dinâmica da sociedade e ofertar segurança, tornar-se um ambiente hostil buscando reenquadrar o sujeito, através de mecanismos violentos, a parâmetros binários e naturalizados de exercício da sexualidade. (PERUCCHI, 2014, p. 9).

Na grande maioria dos casos, as famílias quando se deparam com o filho assumindo sua orientação sexual, por não aceitar e não saber lidar com tal situação, passa a praticar atos de violência, mantendo, conforme Perucchi (2014), “o silêncio e a impotência diante da violência não apenas física, mas, sobretudo simbólica [...] de controle dos seus corpos”.

De acordo com Bourdieu (2002), a violência simbólica age pelas vias suaves, sendo invisíveis as suas próprias vítimas, sendo exercida pela via simbólica da comunicação ou da maneira de falar, de agir e pensar dá se através da dominação e também pela via do sentimento.

Percebe-se que a família, quando não toma uma atitude violenta para com as filhas travestis e aqueles que possuem outras orientações sexuais, tenta reprimir as vivências homoeróticas de seus filhos, fazendo uso do silêncio, preferindo esconder e não encarar a realidade. Infelizmente,

A expulsão da casa dos pais não é a expressão mais impactante da violência homofóbica no contexto familiar; dando espaço a situações cotidianas [...] e sutis de humilhações e constante discriminação em que estes (as) jovens estão submetidos (as), ficando sob o mesmo teto que a família de origem... . (PERUCCHI, 2014, p. 11).

Logo, fica constatado que a homofobia intrafamiliar não termina com a expulsão ou saída da casa dos pais, mas ela se processa no cotidiano das relações sociais destes jovens, onde ser heterossexual pode lhe garantir posições de privilégios e uma vida familiar tranquila e ser travesti só lhe trás a posição de sobrevivência diante da violência.

E diante dessa violência, de acordo com Perucchi (2014), “alguns [...] não souberam fazer relações entre a violência sofrida, ainda que simbólica, [...] por se tratar de membros da família com quem mantinham relações de afetos...”. Ficando evidente certa dificuldade dos jovens gays, lésbicas e travestis em reconhecer a violência, sobretudo no momento em que ela ocorreu.

O encobrimento de tal fenômeno social, o encobrimento do fato de que seu filho se assumiu travesti ou gay, privam esses jovens de suportes importantes, como os de proteção e apoio por parte de sua família.

A família, independentemente dos formatos ou modelos que assume, é mediadora das relações entre os sujeitos e a coletividade, delimitando, continuamente os deslocamentos entre o público e o privado, [...] cuja dinâmica é marcada por conflitos e geralmente, também, por desigualdades, além de que nas sociedades capitalistas a família é fundamental no âmbito da proteção social. (BRASIL, MDS, 2004, p. 35).

Conforme citação acima, a família é um espaço complexo e contraditório, complexo devido à particularidade de cada indivíduo que a compõem e contraditório porque embora a família seja historicamente construída sobre os pilares da união, do respeito e do amor, o seu cotidiano nem sempre é harmônico, sendo vez ou outra marcada por conflitos e desigualdades.

As novas feições e reconfigurações de família encontram-se atualmente “condicionadas às transformações societárias contemporâneas, isto é, às transformações econômicas e sociais de hábitos e costumes e ao avanço da ciência e da tecnologia”. (BRASIL, MDS, 2004, p. 35).

Assim, analisar a violência intrafamiliar contra as travestis profissionais do sexo se apresenta como um desafio, tanto para os sujeitos e as famílias envolvidas quanto para os profissionais que lidam com tal demanda. Portanto, reconhecer o papel da família no contexto da violência homoafetiva intrafamiliar, é o primeiro passo para o enfrentamento dessa violência.

3. Tipificações da violência intrafamiliar praticadas contra as travestis

No ano de 2015, segundo dados do Disk Denúncia - DISK 100, foram recebidas 6.809 denúncias homofóbicas, equivalente a 19 denúncias por dia, conforme a Secretaria de Direitos Humanos da Previdência da República do Brasil.

Tais denúncias revelam como tipificações da violência intrafamiliar contra as travestis, casos de: humilhações, ameaças, discriminação, hostilizações e agressões físicas e a expulsão das travestis de casa, pois conforme Gustavo Bernardo - Coordenador Geral da Secretaria de Direitos Humanos da Previdência existem muitas famílias que expulsam os filhos, quando esses assumem sua sexualidade.

Também existe o entendimento errôneo de que a sexualidade e a orientação sexual podem ser corrigidas por meio de agressões. Dessas denúncias, 62% das vítimas conheciam e conviviam sob o mesmo teto que o agressor, o que configura a violência intrafamiliar, “quando se fala de violência intrafamiliar, deve-se considerar qualquer tipo de relação de *abuso* praticado no contexto privado da família contra *qualquer* um de seus membros”. (BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE, p. 10).

Segundo Silva et. al. (2016), em se tratando de violência intrafamiliar contra as travestis, pode se acrescentar desconhecidos, a família e vizinhos como os principais agressores identificados.

Nesse sentido, grupos como a família que deveriam ser tradicionalmente, os protetores ou deveriam funcionar como espaços de refúgios a violência, tem se o preconceito e a violência intrafamiliar contra as travestis como uma constante.

Em se tratando da violência intrafamiliar praticada contra as travestis, torna-se ainda mais difícil diagnosticar e contabilizar os casos, tendo em vista que a homofobia ainda não é tratada como crime no Brasil. Também não existem delegacias especializadas em crimes contra a população LGBTTT.

Por outro lado, segundo relatório divulgado pela ONG Transgender Europe (TGEU) o Brasil foi dado como o país que mais mata travestis e transexuais no mundo, foram mais de 600 mortes no período entre janeiro de 2008 e março de 2014. (AUN, 2016).

Assim, para além da sensibilização da sociedade para os casos de violência intrafamiliar contra as travestis, há de se ressaltar ainda, a omissão do Estado que nada tem feito no âmbito das políticas públicas, voltando sua intervenção para ações de prevenção e de combate a violência contra essa parcela da população, fazendo com que, o ódio, o preconceito e a intolerância estejam presentes não somente nos lares, como também na sociedade.

4. Resultados e percepções frente ao lócus da pesquisa

Por se tratar de uma pesquisa de campo, a proximidade com as Travestis, profissionais do sexo, do centro da cidade de Manaus, possibilitou para além de analisar as consequências da violência intrafamiliar praticadas contra as travestis, identificar também de forma as mesmas, vivenciam tal violência.

Foram aplicados questionários com (5) travestis, com idade entre 18 a 30 anos, conforme nos mostra o gráfico 1. As mesmas residem em zonas diferentes da cidade, onde 3 delas residem na zona centro sul, 1 reside na zona centro oeste e outra na zona norte da cidade de Manaus e todas trabalham no centro, na rua 10 de julho.

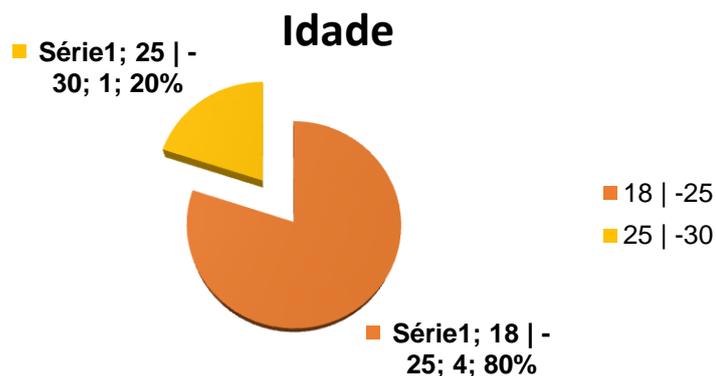


Gráfico 1: Faixa etária das travestis.

Fonte: Pesquisa de campo, março/2017.

A pesquisa de campo nos mostra que as travestis profissionais do sexo que foram entrevistadas, possuem uma idade entre 25 a 30 anos e as mesmas relataram terem adentrado mais novas ainda na prostituição, com idade em torno dos 15 anos por não terem outra forma de subsistência, uma vez que estavam na rua por conta sem o apoio ou proteção da família.

Elas relataram no questionário, que saíram da casa de seus pais ainda na fase da adolescência e que encontraram na prostituição uma forma de ganhar a sua subsistência, “desde criança meus pais não participaram da minha criação, então a prostituição é uma forma sim de me sustentar”. (Relato da Travesti 1, pesquisa de campo, 2017).

O gráfico 2, nos mostra com quantos anos as travestis saíram de casa, podemos observar que embora elas não tenham relatado que foram expulsas de casa por seus familiares, acabaram abandonando seus lares por não serem aceitas e por sofrerem violência intrafamiliar.

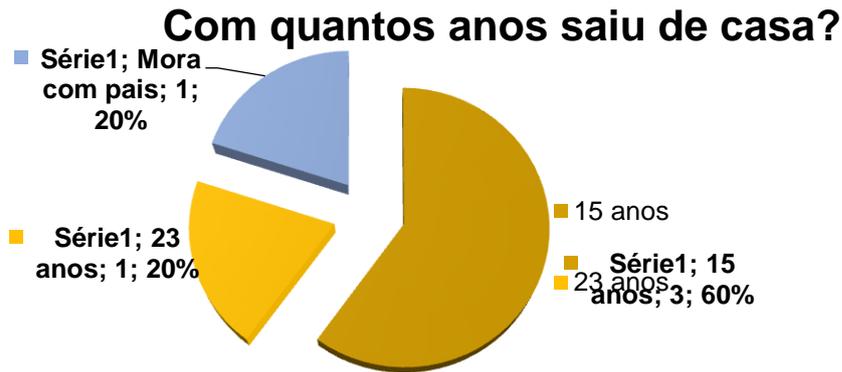


Gráfico 2: Idade com a qual as travestis abandonaram a casa dos pais.
Fonte: Pesquisa de campo, março/2017.

Vejamos alguns relatos das entrevistadas, sobre os motivos de terem saído de casa tão novas passando a viver da prostituição:

antes dos meus pais morrerem, eles já me achavam estranha, depois que morreram, tive que morar com minha irmã, nunca se entendemos, ela não me aceita pelo meu jeito feminino, então fui morar com minha avó e aos 15 anos passei a me prostituir. É o meu sustento, agora minha irmã é rica, mas não peço ajuda nenhuma dela e ela também não me procura. (Relato da travesti 4, pesquisa de campo, 2017).

Foi possível também analisar que elas utilizam nome social e apelidos ou nome de guerra, como elas mesmas citam, na forma como tratam umas as outras.

a prostituição foi onde eu fui aceita do jeito que eu sou, sou travesti, vivo da prostituição, tenho nas outras aqui do ponto uma amizade, agente se ajuda, se protege porque de noite é muito perigoso, dá medo, mas me dou pincas com a minie. (Relato da travesti 1, pesquisa de campo, 2017).

No que diz respeito ao medo, que as travestis sentem ao enfrentarem a vida noturna, Beneditti (2005), retrata com bastante particularidade as dificuldades enfrentadas pelas travestis, principalmente ao medo de estarem no mundo à noite. Revelando ainda, as dificuldades financeiras das travestis, também detectadas durante a pesquisa de campo e que elas juntas, no ponto

onde trabalham, acabam formando juntamente com as outras travestis uma rede de solidariedade e ajuda mútua uma para com a outra.

Das entrevistadas, somente duas delas possuem o ensino médio completo e as outras três possuem apenas o ensino fundamental incompleto. Vejamos o que disseram as seguintes entrevistadas, em relação a isso:

Travesti 3: “tentei trabalhar formalmente, não consegui devido as transformações que fiz em meu corpo, falta de estudo e pelo preconceito.

Travesti 2: “sim, eu tentei estudar, tentaram me bater na escola ai desisti. A prostituição é de onde tiro algum dinheiro pra comer, me vestir, compro pra mim e pro meu irmão caçula”.

As travestis relataram que após saírem de casa passaram a trabalhar como profissionais do sexo, vestidas como mulheres, também passaram a se automedicar, tomando hormônios a fim de transformar o corpo e aos poucos logo se reconheceram como travestis. Com exceção da travesti 2, que continua morando com os pais e um irmão, “eu moro com meus pais, tenho um irmão caçula, meus pais me aceitam, as vezes me chigam, quando estão com raiva de alguma coisa aí sobra sempre pra mim, eles não sabem que me prostituo”. (Relato da travesti 2, pesquisa de campo, 2017).

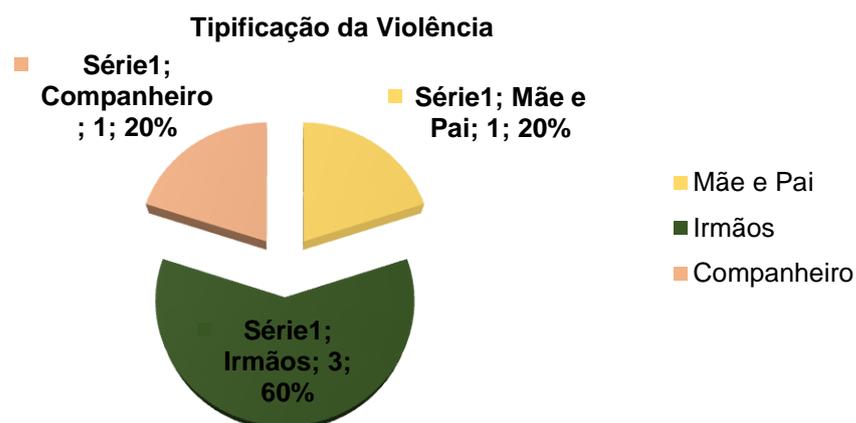


Gráfico 3: Tipificação da violência intrafamiliar.
Fonte: Pesquisa de campo, março/2017.

O gráfico 3 nos mostra que das cinco travestis entrevistadas, três sofreram violência moral, “entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria”. (COLENTÂNEAS DE LEIS, 2013, p. 534). Vejamos o relato da travesti 1, “sofria muita violência verbal, meu pai me chamava de viadinho, que eu não prestava pra nada, me acusava de ladrão, isso era muito doloroso, porque apesar de tudo ele é meu pai e eu amo ele e quando era a minha mãe então doía mais ainda”.

Já as outras duas entrevistadas sofreram violência psicológica, que vem a ser ainda de acordo com a Lei Maria da Penha, nº 11.340/06 citada na Coletânea de Leis (2013, p. 533), “como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento [...] à saúde psicológica”.

A violência psicológica é considerada por muitos autores, entre eles o Ministério da Saúde (2001), como uma das violências mais difíceis de serem identificadas, percebidas e diagnosticadas, onde a constante desmoralização do outro é uma de suas formas, bem como a diminuição que se dá através da desmoralização, da humilhação, e como consequência, a violência psicológica pode atingir a autoestima e a capacidade de autodeterminação das vítimas.

E isso, pode ser visto no gráfico 4, que nos revela exatamente de que forma as travestis se sentiam ao vivenciar a essa tipificação da violência intrafamiliar. Esses sentimentos como a tristeza, a baixa autoestima e humilhação afetam profundamente o desenvolvimento humano das vítimas, podendo ainda futuramente se transformar em uma depressão.

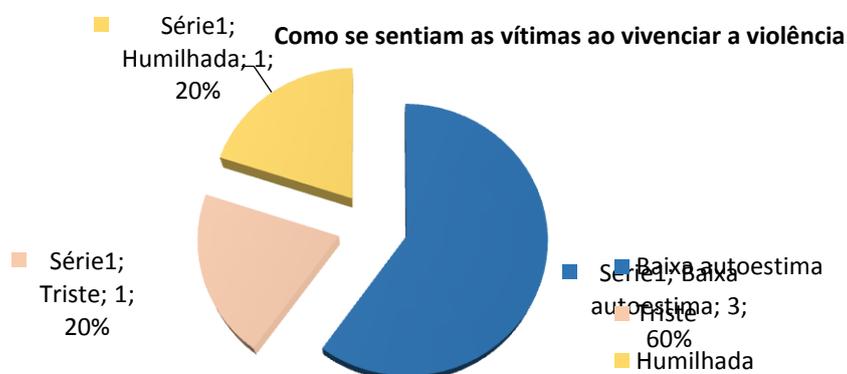


Gráfico 4: Como se sentiam as vítimas ao vivenciar a violência intrafamiliar.
Fonte: Pesquisa documental, março/2017.

No gráfico 5 podemos identificar quem eram os agressores que praticavam a violência intrafamiliar contra as travestis. Violência intrafamiliar porque estes, na maioria dos casos, possuem um relacionamento afetivo e consanguíneo com a vítima.

Além do fato de conviverem com o agressor, fazendo com que as vítimas fiquem silentes ou que não reconheçam a violência que estão sofrendo por se tratar de uma agressor com quem a vítima tem uma relação afetiva, ocasionando o abandono desse lar por parte da vítima, como no caso das travestis que acabaram saindo de casa, passando a viverem por conta própria.

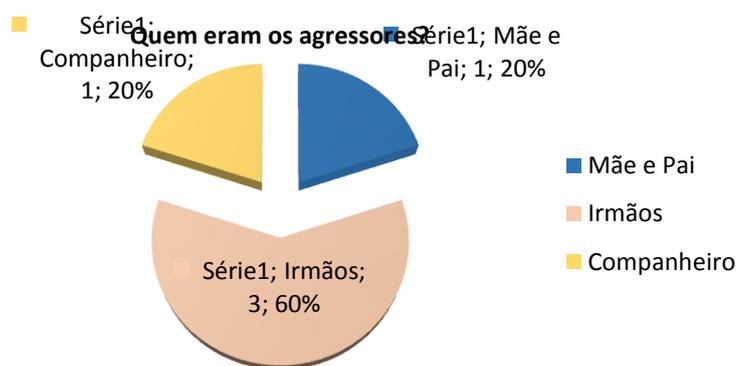


Gráfico 5: Como se sentiam as vítimas ao vivenciar a violência intrafamiliar.
Fonte: Pesquisa documental, março/2017.

Segundo o Ministério da Saúde (2001), no que diz respeito à violência intrafamiliar, tendo em vista as relações familiares das vítimas com seus agressores, tal violência representa uma forma perversa e cotidiana de abuso. E as consequências do efeito disso nas vítimas podem promover distúrbios graves de conduta na vítima, que em alguns casos, a mesma pode apresentar uma resposta violenta em relação ao agressor, esgotadas o recurso para se protegerem.

Entretanto, com relação às vítimas entrevistadas, foi detectada a ausência dessas respostas violentas em relação a seus agressores, considerando que as travestis saíram muito cedo de casa, em decorrência da violência intrafamiliar sofrida.

Assim, a violência intrafamiliar é uma das faces mais perversas da violência, pois a vítima é violada num ambiente que deveria protegê-la e ampará-la, tendo ainda como agressor uma pessoa que possui laços consanguíneos com a vítima, com a qual conviveu quase sempre desde quando nasceu e tal hipótese foi confirmada através da pesquisa que revelou ser os irmãos e os pais, os principais agressores das travestis. Portanto, a realidade das travestis, que foi revelada no decorrer da pesquisa mostra o quanto violento tem sido os lares e os laços familiares para essas vítimas, pelo fato da sociedade ser marcada por um padrão heteronormativo, apresentando consequências prejudiciais as vítimas, podendo causar impactos na saúde mental e minando qualquer possibilidade da construção de uma vida digna e um pouco mais feliz para as travestis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a pesquisa de campo, foi identificado que 80% das travestis possuem idade entre 18 a 25 anos de idade, que as mesmas tiveram que abandonar a casas de seus pais muito novas em decorrência da violência intrafamiliar que sofreram.

Na prostituição, as travestis ainda na fase da adolescência encontraram uma forma de garantir o seu sustento, de ajudar a dar de comer e vestir não somente a si próprias, como também aos seus irmãos, como foi revelado na pesquisa de campo, através do relato da travesti 2.

Os resultados da pesquisa confirmaram que as travestis foram vítimas de violência intrafamiliar, que se deu através da violência moral, física e psicológica. Isso porque, muitas das vezes as famílias reproduzem o preconceito e a violência intrafamiliar porque a *priori*, não gostariam de ter filhos homoafetivos. Sendo que a violência psicológica é sempre a mais difícil se de detectar, por passar despercebida pelas vítimas.

Ao analisar a percepção das travestis ao vivenciarem a violência intrafamiliar, as mesmas se sentiram com baixa autoestima, tristes e humilhadas, sem contar com o cotidiano de intolerância, preconceito,

homofobia e principalmente invisibilidade que as mesmas lidam no que diz respeito ao acesso a políticas públicas básicas como, por exemplo: educação, saúde e segurança.

Assim, diante dessa realidade social, através dessa pesquisa espero que possamos sensibilizar não somente a sociedade a repensar seus preconceitos e seus tabus em relação a identidade sexual das pessoas. E que ninguém é igual em sua sexualidade ou em relação à forma com a qual lida com ela. Mas devemos respeitar e acima de tudo amar uns aos outros. Aos profissionais, como os assistentes sociais, os profissionais da área do direito e da psicologia que lidam com essa expressão da questão social, fica aqui o anseio de que possam lutar em favor dos direitos humanos das travestis, parcela da população LGBTT ainda insuficientemente explorada no campo das pesquisas científicas e esquecidas politicamente pelo Estado.

REFERÊNCIAS

AUN, Heloísa. **Pelo fim da violência contra trans e travestis**. Publicado em 29 de janeiro de 2016. Disponível em: < <https://catracalivre.com.br> > Acesso em: 25 de fevereiro de 2017.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Traduzido por Maria Helena Kuhner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BENEDITTI, Marcos Renato. **Toda feita: o corpo e o gênero das travestis**. Coleção sexualidade, gênero e sociedade. Rio de Janeiro: Geramond, 2005.

BRASIL, Previdência da República. **Denúncias contra os homoafetivos 2015 - Disk 100**. DF, Brasília: Secretaria De Direitos Humanos da Previdência, 2015.

_____. Ministério da Saúde. **Violência intrafamiliar: orientação para a prática em serviço**. DF, Brasília: Secretaria de Políticas da Saúde, 2001.

_____. Previdência da República. **Matricialidade Sociofamiliar**. DF, Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome, 2004.

OSÓRIO, L. C. **Família hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996;

PERUCCHI, Juliana. **Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde dos jovens lésbicas e gays**. Revista Estudos de Psicologia. Natal, RN: vol. 19 nº 1. Jan/Mar de 2014. Disponível em < www.scielo.com.br > Acesso em: 31 de março de 2016;

RUBIM, G. **Pensamentos sexuais**: notas para uma teoria radical da política de sexualidade. Londres: Routledge, 1984;

SILVA, Glauber Weder dos Santos; SOUZA, Emanuel Filipe Leite et. al.
Situações de violência contra as travestis e transexuais em um município do nordeste brasileiro. Revista gaúcha de enfermagem. N. 37. Jun de 2016.
Disponível em: < www.scielo.br/rgenf > Acesso em: 25 de fevereiro de 2017.